

## **Fragmentos de uma rede imensa – o sistema de clãs e metades dos Ticuna**

**Edson Tosta Matarezio Filho<sup>25</sup>**

**Resumo:** Tendo em foco o maior grupo indígena do Brasil (mais de 46.000 indivíduos), seria impraticável para um único etnógrafo delinear toda a genealogia lembrada pelos Ticuna (AM). Pretendo aqui fazer um exercício semelhante ao que faz um arqueólogo que, com um fragmento de tecido encontrado de uma população já extinta, nos explica como funcionava o processo de tecelagem desta população. A rede genealógica em questão, portanto, tem a peculiaridade de ser apenas um recorte, um fragmento de uma malha gigantesca para os padrões ameríndios. O método utilizado, portanto, é induzir a partir de um fragmento desta rede genealógica algumas proposições que considero possivelmente gerais para o parentesco ticuna, que o número de repetições de um mesmo tipo de aliança de casamento é bastante recorrente.

Apesar de operarem com um sistema de metades exogâmicas, há uma forte tendência de o sistema de parentesco operar nas comunidades Ticuna com um par ou trio de clãs dominantes numérica e politicamente, que trocam cônjuges majoritariamente entre si. Através do tratamento computacional (Access) de duas genealogias coletadas por mim em campo pude confirmar que a tendência de intercasamentos exclusivos entre pares de clãs é muito presente entre os Ticuna, ao menos para esta amostragem significativa. Isso indica que as unidades trocadoras de cônjuges no sistema de parentesco ticuna, apesar de operar com metades, são alguns pares ou trios de clãs, como mostrarei, identificáveis.

Palavras-chaves: Ticuna, parentesco, organização social, análise computacional.

### **Intercasamentos clânicos**

(SLIDE 2) As etnografias são unânimes em dizer que os Ticuna<sup>26</sup> estão segmentados em clãs patrilineares que estão distribuídos entre duas metades exogâmicas (SLIDE 3). Curt

---

25 Pós-doutorando do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo. E-mail: sociais@hotmail.com

Nimuendaju, que esteve entre os Ticuna no fim dos anos 20 (1982[1929]) e no começo dos anos 40 (1952), fala em aproximadamente trinta clãs no Brasil, mas afirma também que podem existir mais variedades no Peru e Colômbia. Goulard (2009: 100-101) faz um balanço de seu levantamento dos clãs em campo, junto com o Nimuendaju (1952), Oliveira Filho (1988) e os clãs que constam nos mitos. Ele apresenta um total de 50 clãs, distribuídos entre 29 da metade “com penas” e 21 da metade “sem penas”. Em geral, as metades exogâmicas não são reconhecidas terminologicamente pelos ticuna<sup>27</sup>. Contudo, como também destaca Gruber (1999), é possível distinguir, nos termos ticuna, as duas metades, “com pena” (*ãtchiiü*) e “sem pena” (*ngetchiiü*). Estes termos, no entanto, são de importância menor para o modelo nativo do sistema de casamento. Muito provavelmente foram criados por uma demanda do etnógrafo. Desta maneira, fica claro que o modelo nativo não é pensado como um sistema de metades trocadoras, mas sim, como pretendo mostrar em minha análise, como um sistema de pares ou trios de clãs exogâmicos trocadores de cônjuges.

De acordo com Cardoso de Oliveira, baseando-se nas definições de Lévi-Strauss, “uma Metade não é mera soma de Clãs” (1983 [1964]: 57), deve ser pensada “menos como uma instituição identificável por traços precisos, do que como um *método aplicável à solução de problemas múltiplos*” (Lévi-Strauss *apud* Cardoso de Oliveira, 1983[1964]: 57). O clã forneceria ao indivíduo uma regra negativa, a consciência de que ele não pode se casar dentro de seu próprio clã, devendo buscar seu cônjuge em algum dos *n* outros clãs. As metades exogâmicas reduziriam os grupos a dois e forneceria uma “determinação positiva” de casamento, então, “em lugar de se saber que não se pode casar dentro de um grupo, aprende-se que se deve casar num outro” (idem: 58).

Chegamos, aqui, ao ponto em que podemos expor a questão levantada por Cardoso de Oliveira em seus estudos sobre a organização social ticuna. Diz este autor que as metades exogâmicas ticuna, compostas de dezenas de clãs, são unidades que “asseguram, em última

---

26 Os Ticuna são um grupo indígena de língua isolada localizados principalmente no alto rio Solimões, tríplice fronteira entre Brasil, Peru e Colômbia.

27 “... enquanto o Clã é uma unidade genericamente conhecida por Kie e possuidora de um nome específico (Awaí, Maguari, Mutum, etc.), a Metade é anônima, não sendo designada por qualquer termo específico” (Cardoso de Oliveira, 1983[1961]: 55).



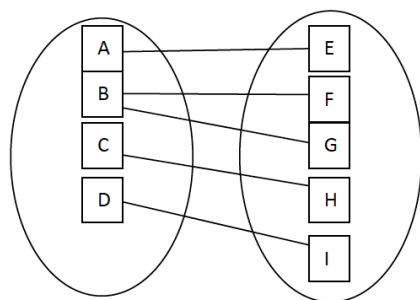
## VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

instância, a coesão tribal, afetada, é verdade, pela natureza peculiar da aliança interclânica” (1983[1961]: 71). Contudo, este antropólogo não encontrava solução para a questão da “coesão tribal”, pelo “fato de as alianças interclânicas tenderem a unir dois (no máximo três) *Kie* [clãs], jamais criando uma rede de relações que abranja todos os *Kie* praticamente autossuficientes (enquanto pares de Metades Opostas) no que se refere à troca de mulheres e, conseqüentemente, à aliança interclânica” (idem: 72). De fato, a questão não poderia ser solucionada levando-se em conta, como diz o autor, que o comportamento destas unidades (clãs e metades) é regulamentado “por suas instituições básicas na estrutura social global: são elas o matrimônio e o parentesco” (idem: 71). O autor argumenta que só não acontece um “completo fracionamento” da sociedade Ticuna porque a regra de casamento não é estritamente observada, isto é, “devido à ação de mecanismos não-prescritivos de aliança” (Cardoso de Oliveira, 1983[1961]: 72). Assim, temos um raciocínio um tanto estranho. A regra social de casamento, destinada a manter a “coesão tribal”, é de fato efetiva porque não é estritamente cumprida. Acredito que a questão da “coesão tribal” ticuna deva ser colocada em outros termos.

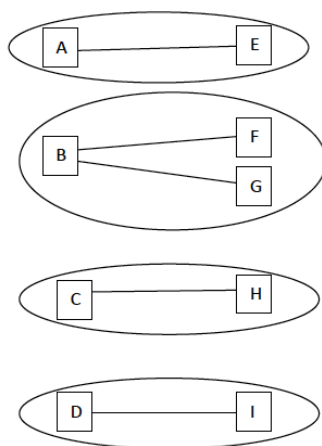
A afirmação de Cardoso de Oliveira de que os clãs ticuna se relacionam matrimonialmente aos pares (“no máximo três”) entre as metades – ou seja, um clã de uma metade tende a trocar cônjuges com apenas um ou dois clãs da metade oposta – nos coloca um problema, nos termos em que coloca este autor, de “coesão tribal” para os Ticuna. Se pensarmos que a troca de cônjuges é a única forma de relação entre os clãs, o que impediria uma organização social pensada nestes termos estritos do parentesco de se “desagregar”. Isto é, passarmos de uma forma deste tipo:





*Figura 1 O esquema aqui esboça duas metades contendo seus clãs. As linhas são as relações de troca matrimonial*

Para uma deste tipo (SLIDE 4):



*Figura 2 Aqui as duas metades desaparecem e temos pares de clãs trocando entre si*

Tudo indica que o autor incorre no mesmo erro que levou Rivière a ver os “grupos locais” guianenses como unidades atomizadas (2001[1984]), um produto exclusivo do parentesco. O elo que une os clãs e metades pode ser buscado em outro lugar. Como acontece no caso Waimiri-Atroari, índios caribe-guianense, a relação entre os “grupos locais” – idealmente endogâmicos – era realizada especialmente durante as festas de iniciação masculina (Matarezio Filho, 2014[2010], Silva 2009). O mesmo afirma Seeger com relação aos “grupos cerimoniais baseados em nomes” dos Suyá, quando diz que estes grupos “fazem pouco mais do que cantar juntos” (1980: 103). Estes



## VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

agrupamentos sociais (clãs, “grupos locais” e “grupos cerimoniais”) – apesar de bastante distintos, em rigor – e suas relações com os rituais nos apresentam o mesmo problema da “coesão social” esboçado acima.

No caso Ticuna, quando levamos em conta a relação dos rituais de iniciação feminina, as chamadas Festa de Moça Nova, com a organização social, podemos notar que há uma interdependência ritual entre os clãs (Matarezio Filho, 2015a, 2015b). Mas isso não quer dizer que uma comunidade ticuna precise ser habitada por pessoas de variados clãs. Durante as Festas é bastante comum que outras comunidades próximas sejam convidadas, contribuindo assim para uma maior diversidade de clãs presentes nos rituais. Em certo sentido, Cardoso de Oliveira tem razão, pois há uma forte tendência das comunidades Ticuna possuírem um par de clãs dominantes numérica e politicamente, que trocam cônjuges majoritariamente entre si. Através do tratamento computacional de duas genealogias coletadas por mim em campo, utilizando o sistema de gerenciamento de banco de dados Access, pude confirmar a intuição de Cardoso de Oliveira. De fato, a tendência de intercassamentos exclusivos entre pares de clãs é muito presente entre os Ticuna, ao menos para esta amostragem significativa. Isso indica que as unidades trocadoras de cônjuges no sistema de parentesco ticuna, apesar de operar com metades, são alguns pares de clãs, como mostrei, identificáveis.

Uma ressalva, entretanto, deve ser feita. É importante frisar que a rede genealógica ticuna tem a peculiaridade de ser apenas um recorte, um fragmento de uma malha gigantesca para os padrões ameríndios. Alguns trabalhos recentes que se debruçaram sobre redes genealógicas possuem a característica de lidarem com populações pequenas, facilmente delimitadas, o que torna possível abranger toda a rede em estudo<sup>28</sup>. Deste modo, como temos em foco o maior grupo indígena do Brasil<sup>29</sup>, seria impraticável para um único etnógrafo – no período de campo em que coletei a genealogia, durante o doutorado –, delinear toda a genealogia lembrada pelos Ticuna. Pretendo aqui fazer como um arqueólogo que, com um fragmento de tecido encontrado de uma população já extinta, nos explica como funcionava o processo de tecelagem desta população. O

---

28 Ver os trabalhos de Bueno (2008), Maizza (2012), Silva (2012) e Florido (2013).

29 Tal extensão de rede poderia ser comparável a dos Guarani Kaiowá, ver IBGE censo indígena 2010.



## VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

método utilizado, portando, é induzir a partir de um fragmento desta rede genealógica algumas proposições que considero possivelmente gerais para a o parentesco ticuna (SLIDE 5). Podemos observar nas tabelas abaixo que o número de repetições de um mesmo tipo de aliança é bastante recorrente.

*Tabela 1 Intercasamentos clânicos do igarapé Camatiã*

Clã de Pena	Clã sem Pena	N. de Casamentos
Mutum	Saúva	24
Japó	Saúva	15
Carará	Saúva	12
Japó	Avaí	6
Munãne	Saúva	4
Carará	Avaí	4
Mutum	Onça	4
Japó	Onça	3
Maguari	Saúva	3
Mutum	Civilizado	2
Civilizado	Saúva	2
Mutum	Avaí	2
Mutum	Jenipapo	2
Cocama	Avaí	1
Carará	Carará	1
Carará	Japó	1
Japó	Civilizado	1

## VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Japó	Cocama	1
Japó	Jenipapo	1
Mutum	Carará	1
Mutum	Civilizado	1
Civilizado	Saúva	1
Saúva	Saúva	1
Tuiuiu	Saúva	1
<b>TOTAL</b>		<b>94</b>

*Tabela 2 Intercasamentos clânicos de Vendaval*

Clãs de Pena	Clãs sem Pena	N. de Casamentos
Mutum	Onça	60
Arara	Onça	51
Mutum	Avaí	13
Arara	Avaí	9
Arara	Buriti	9
Arara Vermelha	Onça	5
Avaí	Onça	5
Mutum	Saúva	5
Maguari	Onça	5
Arara Vermelha	Onça	3
Japó	Avaí	3
Avaí	Saúva	2
Avaí	Avaí	2



## VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Japó	Onça	2
Maguari	Saúva	2
Arara	Saúva	2
<b>Cambeba</b>	Avaí	2
Japó	Saúva	2
Arara Vermelha	Saúva	1
Mutum	<b>Civilizado</b>	1
<b>Arara</b>	<b>Maguari</b>	1
Arara	Boi	1
Mutum	Boi	1
Japó	<b>Civilizado</b>	1
<b>Civilizado</b>	Onça	1
Japó	Buriti	1
<b>TOTAL</b>		<b>190</b>

Temos acima duas tabelas que mostram os casamentos interclânicos que ocorrem em duas regiões Ticuna bem distintas, Igarapé Camatiã e a comunidade de Vendaval, dois locais onde fiz trabalho de campo. A primeira corresponde a uma genealogia de 442 indivíduos, em que aparecem 94 casamentos. N. S. de Nazaré – comunidade onde permaneci no Camatiã –, contudo, é bem pequena, como é comum no igarapé Camatiã, não ultrapassa os 100 moradores. O que fiz foi perguntar sobre os parentes que moravam em outras comunidades e que tinham algum vínculo de parentesco com os moradores de Nazaré. Em geral, os indivíduos da genealogia são habitantes do igarapé Camatiã, o que mostra que esta região conforma uma rede de trocas matrimoniais e rituais, o que torna difícil o foco exclusivo numa comunidade quando se trata de rede genealógica. Assim que comecei a coletar os dados percebi que minha rede seria uma boa amostra dos casamentos de todo o igarapé. A rede, portanto, totaliza e extrapola a comunidade de Nazaré.





## VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Podemos ver nesta tabela que um clã é bastante proeminente no número de casamentos. Dos 94 casamentos registrados, 64 foram realizados com algum membro do clã da saúva, ou seja, 68% dos casamentos. Vinte e quatro destes casamentos, um quarto do total (25%), ocorreram com um único clã da metade oposta, o clã do mutum. De um total de 36 casamentos do clã do mutum, 24 foram com o clã da saúva, cerca de 67%. Há ainda uma tendência menor de casamentos entre o clã dominante da saúva com os clãs do japó, com 15 casamentos (55%) do total de 27 casamentos deste clã, e o clã do carará, com 12 casamentos (67%) do total de 18 casamentos deste clã. Estes números nos mostram que o clã da saúva é o clã “sem pena” preferencial para matrimônios, com quase 70% dos casamentos. Esta tendência se repete nos casamentos dos três primeiros pares da tabela, que variam entre 55% e 67% de casamentos com membros do clã saúva.

(SLIDE 6) A segunda genealogia, que embasa a segunda tabela, é praticamente o contrário da primeira. Apesar de mais extensa que a primeira, já que está fundamentada numa rede de 765 indivíduos e 190 casamentos, não totaliza a comunidade de Vendaval, de onde foi coletada. Esta última comunidade está localizada no Rio Solimões e sua população é de cerca de 1.500 pessoas. Com poucas exceções, a maior parte dos integrantes da rede são moradores de Vendaval. Deste modo, a genealogia não totaliza a comunidade, mas é uma amostra bastante significativa da população.

Nesta tabela o clã da onça se destaca como clã dominante em número de casamentos. São 132 casamentos do total de 190, cerca de 70%. Trinta e dois por cento (32%) do total de casamentos aconteceram entre o clã da onça e o clã do mutum. Seguidos deste par de clãs estão os casamentos entre o clã da onça e o clã da arara, 27% do total. A partir daí a frequência de casamentos começa a cair bastante. O trio de clãs da onça, do mutum e da arara somam quase 60% do total de casamentos de Vendaval. De um total de 80 casamentos do clã do mutum, 60 foram com o clã da onça (75%). O clã da arara, de um total de 73 matrimônios, 51 foram realizados com o clã da onça (70%). Neste caso, a preferência pelo casamento destes dois clãs, mutum e arara, com o clã dominante é ainda maior que no caso anterior.

As implicações demográficas de um quadro como este são evidentes. As comunidades possuem uma tendência a terem uma maioria populacional de pessoas pertencentes a um par ou trios de clãs, com um clã de uma das metades, mais expressivo, concentrando os casamentos.



## VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Existem também implicações políticas proporcionadas por esta assimetria dos casamentos interclânicos. Devido ao tipo de eleições nas quais são escolhidos os chefes atualmente, estes acabam sendo sempre dos clãs dominantes. Em síntese, a predominância do casamento entre pares de determinados clãs se reflete, portanto, não só na distribuição geográfica dos clãs pelas diversas comunidades, a liderança política também é afetada por este padrão de intercasamento.

### **Bibliografia:**

BUENO, Ana Cecília Venci. 2008 – *Os Irantxe e Myky do Mato Grosso: um estudo do parentesco*. Dissertação de Mestrado, USP-São Paulo.

CARDOSO DE OLIVEIRA, ROBERTO. 1983a [1961] – “Aliança inter-clânica no sociedade Tükúna”. In: *Enigmas e soluções: exercícios de etnologia e de crítica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: UFCE. p. 54-75. (Biblioteca Tempo Universitário, 68)

\_\_\_\_\_. 1983b [1964] – “Totemismo Tükúna?”, In: *Enigmas e soluções: exercícios de etnologia e de crítica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: UFCE (Biblioteca Tempo Universitário, 68).

FLORIDO, Marcelo Pedro. 2013 – *Os Deni do Cuniuá: um estudo do parentesco*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

GOULARD, Jean-Pierre. 2009 – *Entre Mortales e Inmortales – El Ser según los Ticuna de la Amazonía*. CAAAP, CNRS-MAEE-IFEA, Lima.

GRUBER, Jussara Gomes. 1999 – *Instrumentos Musicais Ticunas*, apostila manuscrita. Publicado também no volume organizado por Antonio Alexandre Bispo: *Die Musikkulturen der Indianer Brasiliens - II*, em *Musices Aptatio-1996/97-Jahrbuch*, Roma: Consociatio Internationalis Musicae Sacrae.

MAIZZA, Fabiana. 2012 - *Cosmografia de um Mundo Perigoso: Espaço e Relações de Afinidade entre os Jarawara da Amazonia*, EDUSP, São Paulo.



## VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

MATAREZIO FILHO, Edson Tosta. 2014[2010] – *Ritual e pessoa entre os Waimiri-Atroari*. Prefácio de Mármio Teixeira-Pinto. Posfácio de Stephen G. Baines. São Paulo: Annablume/FAPESP.

\_\_\_\_\_. 2015a – *A Festa da Moça Nova: ritual de iniciação feminina dos índios Ticuna*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

\_\_\_\_\_. 2015b – Trompetas ticuna de la Fiesta de la Moça Nova. In: Bernd Brabec de Mori; Matthias Lewy; Miguel A. García. (Org.). *Sudamérica y sus mundos audibles Cosmologías y prácticas sonoras de los pueblos indígenas*. 1ed. Berlin: Ibero-Amerikanisches Institut Preußischer Kulturbesitz, v. 1, p. 121-135

NIMUENDAJU, Curt. 1982[1929] – “Os índios Tukuna”, In: SUESS, Paulo (Coord.). *Textos indigenistas: relatórios, monografias, cartas*. Introdução de Carlos de Araújo Moreira Neto. São Paulo: Loyola. (Coleção Missão Aberta, 6). p. 192-208.

\_\_\_\_\_. 1952 – *The Tukuna*. American Archeology. Berkeley & Los Angeles University of California Press.

OLIVEIRA FILHO, J. P. 1988 – “O Nosso Governo”: os Ticuna e o regime tutelar. São Paulo: Marco Zero. 316p.

RIVIÈRE, Peter. 2001 - *O indivíduo e a sociedade na Guiana: um estudo comparativo da organização social ameríndia*. São Paulo, Edusp.

SEEGER, Anthony. 1980 – “O que podemos aprender quando eles cantam? Gêneros vocais do Brasil Central”, in: *Os índios e nós: estudos sobre sociedades tribais brasileiras*. Rio de Janeiro: Campus.

SILVA, MARCIO F. 2009 - *Romance de Primas e Primos: Uma Etnografia do Parentesco WaimiriAtroari*. Manaus: Editora Valer/Edua.

\_\_\_\_\_. 2012 - *Liga dos Enawene-Nawe: um estudo da aliança de casamento na Amazônia Meridional*. Tese (Livre Docência em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.